

**Disciplina:** PPGPPIJ0012 – Estado penal, processo de criminalização e neoliberalismo

**Carga horária:** 45 horas (3 créditos)

**Turma:** Sexta-feira, 14h às 16h45

**Professor:** Pedro Demo

**E-mail:** [pedrodemo@gmail.com](mailto:pedrodemo@gmail.com)

## 1. Ementa

Grandes majorias empobrecidas, até mesmo nos Estados Unidos, são o resultado de políticas econômicas neoliberais que consideram o mercado livre desregulado como razão de ser da sociedade. Na doutrina Friedman consta, cruamente, que a empresa não pode ter compromisso social, porque seu compromisso é com os acionistas, com o capital, que devem remunerar estritamente. Esta cantilena é antiga: vem de Smith (1776) e sua “mão invisível” – o empresário persegue seu autointeresse individualista voltado para o lucro e a “mão invisível” transforma isso – nunca se soube como – no bem comum. Entrementes, o Brasil está entre os países mais desiguais do mundo: tem desemprego perto dos 10%, tem 40% da PEA no mercado informal, tem perto de 40 milhões de trabalhadores que ganham salário mínimo (este está 6 vezes abaixo do valor definido na Constituição). A concentração cruenta de renda se tornou normal, natural, em geral apelando para a “seleção natural”: os competentes sabem usar o mercado; o pobres são incompetentes. O curso pretende contribuir para entender como um sistema produtivo tão truculento e excludente se tornou tão hegemônico e por que a sociedade não está reagindo... Que há de ser da infância e juventude?

## 2. Razões do curso

O liberalismo original (de Smith) sofreu abalo descomunal na Grande Depressão de 1929 (parecia apocalíptica), arrastou-se por duas Guerras Mundiais, encarou a concorrência potente do socialismo real (sobretudo soviético), e acabou aceitando, sobretudo no pós-Segunda Guerra, alguma regulação estatal e a pressão sindical para que os trabalhadores participassem da “prosperidade” (*welfare state*). Foi um interregno importante, mas quase um devaneio, pois nos 1980, com Reagan nos Estados Unidos e Thatcher na Inglaterra, retomou-se o liberalismo (daí neoliberalismo), agora com outras elaborações fundamentalistas que buscam normalizar e normatizar a supremacia de uma elite ínfima, estigmatizada no 1% contra 99%. Defensores do “capitalismo democrático” reconhecem que apenas 15% da população é parte de países com alto ingresso (Wolf, 2023). Como tais países também possuem pobres, com destaque negativo para os EUA (Desmond, 2023), a cifra pode cair para menos de 10%: **é uma inacreditável ilha da fantasia**. Mesmo assim, este “hipercapitalismo neocolonial” (Piketty, 2020; 2022; 2022a) se tornou abusivamente hegemônico (Milanovic, 2019): reina sozinho; nenhum país pode ter um sistema econômico próprio, num contexto de centralização planejada mais exacerbado que o do socialismo real, sempre combatido pelo neoliberalismo.

A China tem chamado a atenção por propor uma mistura *sui generis* de socialismo e capitalismo (Jin, 2023), pretendendo ser alternativa ao Ocidente neoliberal (Piketty, 2022:232), com projeto explícito de tomar a liderança americana na economia, na tecnologia e outras dimensões (Lee, 2018), mas parece muito difícil que a China drible o neoliberalismo: a renda está se concentrando. Como a primazia é dada ao crescimento econômico segundo parâmetros neoliberais, é provável que o neoliberalismo engula o socialismo. Resultado: não parece haver solução visível que não seja neoliberal e é isto que os governos vivem diariamente. Cuidam de

uma economia que é decidida fora do país, no centro neoliberal que não se submete a qualquer regulação pública e segue a pretensa lei do mercado livre como se fosse intocável.

Os críticos do neoliberalismo em geral buscam apoio no marxismo, que muitos distinguem do socialismo real (soviético, maoísta...) que teria sido uma deturpação (famosa desavença entre Rosa Luxemburgo e Lenin sobre ditadura do partido e do proletariado). O marxismo persiste como referência clássica superlativa, mas, como toda teoria se desgasta no tempo, é preciso reconstruir, o que foi feito muitas vezes em propostas como da decolonialidade (Quijano, 2005. Segato, 2021) ou da interseccionalidade (Collins & Bilge, 2021. Collins, 2022), e com apoio de Marx. Este muitas vezes em vida disse não ser marxista, respondendo a puxa-sacos fundamentalistas (Demo, 2020), pois ele se via como pesquisador aberto. Sugeriu com este gesto surpreendente (“só sei uma coisa: não sou marxista”) que, ao invés de papaguear teoria alheia, é melhor ter a própria. Alguns buscam teorização própria, sendo a mais conhecida hoje a de Piketty (2020; 2022; 2022a): é o maior crítico do neoliberalismo, e não é marxista. Naturalmente, o capitalismo, a peso de crises cavaleares, uma após a outra, mudou muito e hoje tem uma estruturação muito hegemônica global, assemelhando-se, mais do que se pensa, a seus primórdios muito ligados à supremacia da elite empresarial (Markovits, 2021). Em termos concretos, defende-se a **extrema desigualdade como condição natural**, ou, mais propriamente, como produto da seleção natural, que podemos ver teorizada no *Gene egoísta* de Dawkins (1998): ele europeíza o gene como egoísta para justificar o egoísmo como norma pétrea civilizatória (colonização e escravização como processos civilizatórios). O gene, na natureza é, sim egoísta, tanto quanto cooperativo, numa relação dialética, não linear. O gene de Dawkins é europeu, não natural.

Como a realidade é muito maior que as teorias, vamos considerar todas e questionar todas, sobretudo as nossas. Tenta-se entender por que um sistema tão excludente se tornou tão hegemônico, um retorno a tempos faraônicos: o mundo é dominado por uma ínfima realeza, o neoliberalismo é um monopólio (não há rival competidor), não há qualquer chance de incluir a população laboral no sistema produtivo, também porque seria uma ética esdrúxula na assim dita doutrina Friedman (Acemoglu & Johnson, 2023). Ainda, as inclusões se deterioram visivelmente, como no salário-mínimo: está 6 vezes abaixo da definição constitucional e assim se normalizou. Com tanta exclusão, recorre-se a assistências, que, sendo direito constitucional, são devidas, mas realizam uma inclusão residual, além de liberarem o sistema do compromisso da inclusão econômica. A renda básica nos ronda cada vez mais, à medida que grandes levas não podem ter salário. A renda básica não precisa ser mínima, mas ela só é viável, se for mínima. Algumas esquerdas (Suplicy, 2002) sustentam a ideia, mas nunca se indicou fonte minimamente crível de financiamento. Por hipótese, transferindo R\$ 5 mil mensais para 50 milhões de pessoas, precisaríamos de R\$ 250 bilhões mensais e R\$ 3 trilhões anuais... Enquanto vai haver quem ache um aporte de R\$ 5 mil interessante, outros dirão ser uma esmola. Se o aporte for para a família, o valor pode ser ainda mais questionado.

Em relação à Infância e Juventude, como vai ser? Quem trabalha com jovens privados de liberdade ou com liberdade restrita, o que pode dizer a eles em termos de futuro? Quem leciona na escola e a vê como política pública pobre para o pobre, da qual este quase não aproveita nada para sua via, embora nela aprenda seu lugar subalterno (docilização dos corpos) (Foucault, 1977), como lidar com esta humilhação neoliberal? O Art. 227 – da **prioridade absoluta** da criança, adolescente e jovem – promete uma penca de direitos, mas não tem orçamento próprio (só vinculado a outros programas): não é uma retórica neoliberal? O Art. 3º da Constituição promete “erradicar” a pobreza – não é golpe neoliberal?

Não segue que não se possa fazer nada, como se só pudéssemos ser úteis depois de superar o neoliberalismo. Paulo Freire foi útil a vida toda e todos os seus programas foram feitos dentro do sistema. O que seria levar em conta o contexto neoliberal das políticas da infância e juventude? Piketty sempre acentua o desafio político: mudanças profundas precisam de mobilização profunda, extensa, generalizada. No *welfare state* o sindicato teve papel preponderante. Hoje, não vemos mobilização mundial compatível, embora todos os países sofram

de marginalização frontal em face do centro hegemônico. O capital entra e sai do país à vontade, como se fosse seu quintal eventual, um gesto “neocolonial” típico de uma civilização supremacista que impõe às grandes maiorias a subalternidade generalizada. Enquanto temos de conviver com isso, cumpre refletir sobre como garantir o direito à qualidade de vida para todos. Para defender isso não dependemos de nenhuma teoria canônica – é questão de bom senso – mas precisamos reconstruir a nossa teorização que vamos usar em nossa profissão.

As sociedades conhecidas não foram iguais – desigualdade não começou; sempre esteve aí (Graeber & Wengrow, 2022). Poderiam ser igualitárias, combinando igualdade e diversidade, que são termos naturalmente relativos e complexos: nem só um, nem só o outro, mas sua combinação. Todos são iguais e diversos, na natureza biodiversa. É parte da emancipação europeia impedir a emancipação de outros povos (colonização, escravização) (Rosa, 2018), como é parte da concentração da riqueza impedir que a população participe da prosperidade. Para Desmond (2023), há tanta gente pobre nos EUA, não a despeito da riqueza, mas por causa da riqueza: é uma riqueza que explora a pobreza, dela se nutre. Como seria uma sociedade igual e diversa? Nesta crise civilizatória, como desenhar outras utopias?

### 3. Componentes do curso

#### 3.1. Alguns encontros para acertar conceitos e expectativas

#### 3.2. 5 sessões para apresentação dos alunos:

1. pobreza material brasileira – algumas dimensões (centrar na Inf. e Juv.)
2. pobreza política brasileira – algumas dimensões (centrar na Inf. e Juv.)
3. Bolsa Família – direito e inclusão residual
4. 3 equívocos das políticas brasileiras para infância e juventude
5. inclusão no sistema produtivo cada vez mais distante e renda básica

3.3. No fim do curso, apresentar um texto de 15 páginas, num trio, sobre tema pertinente ao curso.

3.4. O curso será presencial, com alguns encontros virtuais, sobretudo para a apresentação dos alunos.

3.5. Laísa é assistente do curso.

## REFERÊNCIAS

- ACEMOGLU, D. & JOHNSON, S. 2023. Power and progress: our thousand-year struggle over technology and prosperity. Public Affairs.
- COLLINS, P.H. & BILGE, S. 2021. Interseccionalidade. Boitempo Editorial.
- COLLINS, P.H. 2022. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria crítica social. Boitempo Editorial.
- DAWKINS, R. 1998. The Selfish Gene. Oxford University Press, Oxford.
- DEMO, P. 2020. Marx não foi marxista - <https://pedrodemo.blogspot.com/2020/12/ensaio-555-marx-nao-foi-marxista.html>
- DESMOND, M. 2023. Poverty, by America. Independently Published (Crown, N.Y.).
- FOUCAULT, M. 1977. Vigiar e punir - História da violência nas prisões. Vozes, Petrópolis.
- GRAEBER, D. & WENGROW, D. 2022. O Despertar de Tudo – Uma nova história da Humanidade. Companhia das Letras.
- JIN, K. 2023. The New China Playbook: Beyond socialism and capitalism. Viking.
- LEE, K-F. 2018. AI Superpowers: China, Silicon Valley, and the new world order. Houghton Mifflin Harcourt, N.Y.
- MARKOVITS, D. 2021. A Cilada da Meritocracia. Intrínseca.
- MILANOVIC, B. 2019. Capitalism, alone – The future of the system that rules the world. Harvard U. Press.

- ORESQUES, N. & CONWAY, E.M. 2023. The big Myth – How American business taught us to loathe government and love the free market. Bloomsbury Publishing.
- PIKETTY, T. 2020. Capital and Ideology. Harvard U. Press.
- PIKETTY, T. 2022. A brief history of equality. Harvard U. Press.
- PIKETTY, T. 2022a. Time for Socialism: Dispatches from a world on fire, 2016-2021. Yale U. Press.
- QUIJANO, A. 2005. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. CLACSO, B. Aires.
- ROSA, H. 2019. Resonance: A sociology of our relationship to the world. Polity.
- SEGATO, R. 2021. Crítica da Colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda. Bazar do Tempo.
- SLOBODIAN, Q. 2023. Crack-up capitalism: Market radicals and the dream of a world without democracy. Metropolitan Books.
- SMITH, A. 1776/2007. An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations. MetaLibri Digital Library - [https://www.ibiblio.org/ml/libri/s/SmithA\\_WealthNations\\_p.pdf](https://www.ibiblio.org/ml/libri/s/SmithA_WealthNations_p.pdf)
- SUPLICY, E.M. 2002. Renda de Cidadania - A saída é pela porta. Cortez, São Paulo.
- SUZMAN, J. 2022. Trabalho: Uma história de como utilizamos o nosso tempo: da idade da pedra à era dos robôs. Vestígio.
- WOLF, M. 2023. The crisis of democratic capitalism. Penguin Press.

- ensaio873-NeoliberalismoInsustentável1.docx - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/01/ensaio-873-neoliberalismo-e.html>
- ensaio874-NeoliberalismoInsustentável2.docx - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/01/ensaio-874-o-neoliberalismo-e.html>
- ensaio875-NeoliberalismoInsustentável3.docx - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/01/ensaio-875-neoliberalismo-e.html>
- ensaio876-NeoliberalismoInsustentável4.docx - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/02/ensaio-876-o-neoliberalismo-e.html>
- ensaio877-NeoliberalismoInsustentável5.docx - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/02/ensaio-877-o-neoliberalismo-e.html>
- ensaio880-colonialismo - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/02/ensaio-880-colonialismo-entre.html>
- ensio941-gestãodesigualdade - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/06/ensaio-951-gestao-da-desigualdade-ser.html>
- ensaio944-pobrezaamericana - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/09/ensaio-944-pobreza-americana-combate.html>
- ensaio945-ricoscausampobreza - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/08/ensaio-945-pobreza-e-contraponto-da.html>
- ensaio946-pobrezapilhadeproblemas - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/09/ensaio-946-pobreza-e-falta-de-dinheiro.html>
- ensaio947-argumentoautodefesa - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/09/ensaio-947-argumento-como-autodefesa.html>
- ensaio948-democapitalism - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/09/ensaio-948-capitalismo-democratico.html>
- ensaio960-outrosargumentos -
- ensaio972-diversidade - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/09/ensaio-972-diversidade-dialetica-da.html>

Sobre pobreza no Brasil, com dados do IBGE: crônica 68-77 (exemplo: <https://pedrodemo.blogspot.com/2022/03/cronica-68-males-da-retracao-economica.html>)

Renda básica - <https://drive.google.com/file/d/1y6VdrxfgsUQ2Fbwx-QiQyfdlBMAutVcJ/view>